

Cepal acha mais fácil reduzir os juros agora

VIVIAN OSWALD

BRASÍLIA – A nova política cambial adotada pelo governo brasileiro, de deixar flutuar ao sabor do mercado a taxa do dólar, torna muito mais factível a projeção de crescimento negativo de 1% da economia brasileira estimado pelo governo em outubro do ano passado. A avaliação foi feita ontem pelo secretário executivo da Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (Cepal), José Antonio Ocampo, ao explicar que, com a antiga política cambial, a projeção do governo era muito otimista. Para ele, a possibilidade de redução dos juros básicos da economia brasileira também fica mais viável.

A nova mudança no câmbio brasileiro será custosa para todos os países da América Latina, sobretudo para Argentina e Uruguai, de acordo com Ocampo. O secretário executivo da Cepal acredita que a nova política brasileira pode ter efeitos prejudiciais no curto prazo, mas cria perspectivas de longo prazo muito melhores para os países da região. Ele explicou que, nesse momento, os países da América Latina não podem se fechar ou adotar barreiras comerciais para se defender. “Para a região é melhor um Brasil que cresça”, disse Ocampo.

Desconcentrar o peso do ajuste sobre a contração monetária no Brasil, isto é, sobre o controle das taxas de juros, é um passo de extrema importância, na opinião de Ocampo. “Cada choque sofrido pela economia brasileira desde outubro de 97 fez com que o país elevasse muito as suas taxas de juros”, disse. Com a política de câmbio fixo, destacou, ficou claro que não havia possibilidade de baixar os juros. Segundo ele, o câmbio fixo é muito recessivo e pode causar sérios danos ao sistema financeiro doméstico.

“Com a flutuação, tornam-se mais factíveis a recuperação da trajetória de queda dos juros e o

ganho da competitividade nas exportações decorrente da desvalorização do câmbio”, explicou. Ocampo acredita que a capacidade de recuperação da economia brasileira é muito grande e lembrou que, no primeiro semestre que sucedeu a crise asiática deflagrada em outubro de 1997, o Brasil já dava sinais claros de retomada do crescimento. “A nova política viabiliza a possibilidade de crescimento nos mesmos níveis do ano passado, perto de 4% ao ano”, disse.

Argentina– De acordo com o secretário executivo da Cepal, a Argentina deve sofrer bastante com as mudanças pelas quais vêm passando o Brasil. Isso, segundo ele, deve alterar as projeções feitas pelo órgão de crescimento de 1,5% do PIB para a economia argentina este ano. Ocampo explicou que a Argentina deve entrar num processo de recessão mais profundo do que se esperava em 99. O país, segundo ele, não pretende mudar o seu sistema de câmbio, o que considera a melhor forma de manter a estabilidade no longo prazo, embora seja problemático no curto prazo. Para ele, mudar esse sistema agora seria muito mais custoso para o Brasil.